

Eleições

Senado

Senadoras do PT querem fugir dos rótulos

*Marina e Benedita
não querem ser vistas só
como "exóticas" por
serem mulheres e negras*

LÚCIA HELENA GAZZOLA

Mulheres, negras, pobres e de esquerda. Com este perfil, muito diverso daquele de seus futuros pares, as duas senadoras eleitas pelo PT — a deputada federal Benedita da Silva (RJ) e a deputada estadual Marina Silva (AC) — chegarão ao Senado cheias de planos. Elas se encontraram pela primeira vez depois da eleição neste fim de semana, em São Paulo, para conversar sobre os mandatos que vão exercer a partir de fevereiro.

Cientes de que entrarão numa espécie de clube restrito de Brasília, elas deixaram claro que vão continuar a luta contra a discriminação e a miséria que as levou à política. E avisaram que não aceitarão ver sua atuação "folclorizada" por serem tão diferentes dos que até hoje representaram seus Estados no Senado. "Continuarei minha briga contra o racismo e a discriminação, lutarei pela mulher, pelo negro, pelo favelado, pela criança abandonada, pois isto é a minha vida, mas não reduzirei meu mandato a isto", avisou Benedita, a Bené, que já foi menina de rua e empregada doméstica antes de se formar assistente social.

"Quero evitar que se apeguem ao meu lado exótico — ser mulher, negra, filha de seringueiro, analfabeta até os 14 anos de idade — para reduzir minha atuação política a este aspecto", afirmou Marina, uma professora de História que se ligou aos movimentos de esquerda pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. "Acho absurdo o que fazem com a Rita Camata (deputada federal reeleita com a maior votação no Espírito Santo), que é uma parlamentar competente mas só é lembrada por ser bonita."



Luiz Paulo Lima/AE

Marina e Bené, no primeiro encontro depois da vitória na eleição: "Temos muita contribuição a dar"

As duas acreditam que sua presença no Senado é um sintoma de mudança no País. "É o povo entrando naquela casa, é como quebrar uma hierarquia estabelecida há anos, não parece?", perguntou Benedita

a Marina. "Claro, até hoje estiveram lá excelências, acadêmicos, e nós, ao contrário, seremos a realidade, a prática", analisou a acreana. "Sem negar a importância da experiência dos outros, acho que temos muita contribuição a dar." As duas não se assustam em conviver com a elite da qual jamais fizeram parte e contam uma à outra, entusiasmadas, os projetos que querem desenvolver.

"Não quero limitar meu mandato ao que prega a Constituição, que é a

representação do Estado e a política externa, entre outros pontos", explicou Bené. "Quero mais calor, ir além, defendendo minha proposta de desenvolvimento para o Rio, pela

via da produção agrícola, da criação de um centro petroquímico e da reativação da indústria naval, pois acredito que o esvaziamento econômico do meu Estado é responsável pela miséria existente lá." Ela contou a Marina

que sonha ainda em influir na busca de mais acordos com os países africanos e na preparação do Orçamento, para garantir mais verbas para saúde, educação e habitação.

Marina expôs à colega mais experiente o que gostaria de fazer pela Amazônia. "Não penso só no Acre,

que vou representar, mas em toda a região, que precisa de um projeto de desenvolvimento auto-sustentado que distribua melhor a renda, elimine a miséria e nossos problemas sociais", explicou. "Vou lutar por programas agro-florestais e agro-industriais que garantam emprego e preço justo para a produção."

As duas planejam articular com os senadores "éticos e progressistas" uma ação de resgate da credibilidade da instituição. "Isso é necessário para a democracia", concordaram, ao falar do descrédito dos políticos, expresso pela quantidade de votos em branco e nulos na eleição. Elas não se furtaram a falar de assuntos femininos: filhos, maridos, os netos de Bené e a "sensação de culpa" por "abandonar" a família para se dedicar à política. "Incrível, Bené, como eu sinto isso", comentou Marina. "Não se assuste, eu também sempre senti", consolou Bené.

PLANOS PARA
DESENVOLVER
O RIO E A
AMAZÔNIA